

NEWSLETTER NR. 33, JANEIRO/FEVEREIRO DE 2007

http://rio.daad.de/download/Ano_das_Ciencias_Humanas.doc

Ciências humanas para quê?

Prof. Dr. Thomas Johnen ()*

Para que a Alemanha haveria de manter cursos universitários de história antiga, mongolística, caucasologia, coptologia, história da arte oriental, ciências do Oriente cristão ou ciências das culturas americanas pré-colombianas? E para que formar tantos especialistas em arqueologia, sociologia, filosofia ou ciências do Islã? Não seria mais útil se a Alemanha formasse mais engenheiros e especialistas em ciências da computação? O futuro não estaria nas ciências de nanotecnologia e nas ciências econômicas?

Desde os anos 90 do século XX, questões como essas têm sido levantadas por políticos, economistas e outros. Em Hamburgo, uma comissão de especialistas em ensino superior chegou em 2003 à conclusão de que a Universidade de Hamburgo deveria diminuir drasticamente as filologias de línguas estrangeiras e recomendou o fechamento 25 línguas. Na cidade que se considera, com orgulho, o portal da Alemanha para o mundo surgiu a pergunta: indologia em Hamburgo? Para quê?

Cursos exóticos ou “Orchideenfächer” (cursos-orquídeas) são chamados estes cursos. Nesta categoria, diga-se de passagem, no entender de muitos na Alemanha, incluem-se aliás também os cursos de língua e literaturas do mundo lusófono que em muitas universidades estão ameaçados de serem fechados, se já não foram.

Os autores destas vozes desconhecem ou não se importam com o fato de que os pesquisadores alemães de muitas destas áreas “exóticas” estão entre os mais respeitados e requisitados do mundo e que o alemão continua, em muitas destas áreas, sendo uma língua acadêmica internacional.

Depois dos atentados do 11 de setembro de 2001, porém eram estas mesmas vozes que chamaram os especialistas de uma destas áreas “exóticas” (ciências do Islã) para pedir explicações sobre o que estava ocorrendo, e os serviços governamentais de informação começaram a publicar grandes anúncios de emprego nos jornais para graduados destas áreas, especializados em temas que pouco antes, por muitos, tinham sido considerados sem pé nem cabeça, mas cuja relevância para a paz mundial, de repente, tornou-se evidente para todos.

Numa entrevista ao jornal *Stuttgarter Zeitung*, de 10 de janeiro de 2007, a ministra federal da Educação, Annette Schavan, frisou que as ciências humanas a longo prazo também têm importância econômica, tornando, por exemplo, acessível à sociedade o conhecimento de culturas de outras regiões de mundo. Além disso, a ministra sublinhou que as ciências humanas em geral tem algo a dizer para a sociedade e que essa necessita das reflexões e pesquisas destas áreas para entender melhor os processos da atualidade.

Assim, o ano de 2007 foi declarado “*Jahr der Geisteswissenschaften*” (Ano das Ciências Humanas). Serão organizados em grande número simpósios e outros eventos ao longo do ano. O tema principal enfocará o papel das línguas. Daí o lema: “ABC da Humanidade”. Até o ano 2009, o governo federal apóia os pesquisadores das ciências humanas com 69 milhões de euros (quase 200 milhões de reais) para fomentar centros internacionais de pesquisa a serem fundados e para apoiar grupos de pesquisadores jovens.

A valorização das ciências humanas, porém, não é nada de novo para Alemanha. Na grande reforma universitária promovida por Wilhelm von Humboldt no início do século XIX, as faculdades de filosofia, que concentravam na época todas as áreas das ciências humanas, eram vistas, na concepção humboldtiana, como o centro das universidades, reunindo os mais diversos conhecimentos produzidos nas universidades e possibilitando, com suas pesquisas e reflexões, a orientação no mundo. A universidade no espírito de Humboldt inspirou muitas reformas universitárias no mundo, entre outras a dos Estados Unidos.

Mais informações (em alemão): <http://www.abc-der-menschheit.de>

() Formado em Teologia Católica e Filologia Românica pela Universidade de Bonn e doutor em Lingüística Românica pela Universidade de Rostock, o Prof. Dr. Thomas Johnen é coordenador do Centro de Informação do DAAD em São Paulo e professor-leitor na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) desde 2005.*